

SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES

Por D. J. G. de Magalhães
Paris, 1856 – Um vol. In-8º.

Francisco de Salles Torres Homem

Desde os princípios do século atual uma grande reação começou a abalar os antigos fundamentos do reino misterioso das Musas¹. O vago das lembranças do berço da civilização moderna, os sublimes² pensamentos do Cristianismo, a simplicidade das cenas da natureza, que tão tocantes relações oferecem com as misérias do nosso coração, pareceram uma fonte de emoções mais delicadas e verdadeiras que os engenhosos sonhos da antiguidade. Faltava à lira³ antiga essa corda grave e chorosa, pela qual se exprime a religião e o infortúnio; faltava-lhe a consonância com os sentimentos poéticos da existência e com a eterna melancolia⁴ do pensamento moderno. Essa poesia remanescente⁵ da poeira de um mundo que acabou transportava-nos fora da esfera⁶ dos nossos hábitos, princípios e costumes, e nem o segredo podia adivinhar nossos sentimentos. Preciso era que de indústria nos transformássemos em gregos e romanos, despindo-nos de tudo o que constitui a individualidade do homem de hoje, porque nos enternecêssemos⁷ pelo panteísmo⁸ fenomenal da Grécia e Roma e pelos sentimentos estrangeiros destas ilustres mortas. Mas, ainda assim, o peso das nossas crenças precipitava todas as sombras evocadas⁹ do politeísmo¹⁰; elas dissipavam-se ao primeiro movimento dos nossos sentimentos reais, como ao primeiro albor¹¹ da aurora fogem os fantasmas que as trevas simulam. Como tudo o que é grande, belo e verdadeiro, foi pleno o sucesso da reação contra a imitação da poesia antiga. O Cristianismo, banindo do universo as elegantes divindades

de que o povoara a mitologia¹², restabeleceu a majestade, a grandeza e a gravidade da criação, e nova carreira abriu à poesia, que até então não podia encarar a natureza, senão através das ficções consagradas por Hesíodo¹³ e por Homero¹⁴. Nestas novas fontes bebe hoje suas mais brilhantes inspirações não só a poesia, como as artes e a filosofia, irmã da teologia.

Entretanto que este movimento remoçava com uma vida toda nova e mais florente¹⁵ que a primeira a literatura europeia, os poetas da nossa língua iam muito satisfeitos batendo a estrada cediça¹⁶ e dizendo-se inspirados pelas Musas pálidas e decrépitas¹⁷ do Parnaso¹⁸. Mas eis que um jovem poeta da nova escola, nascido debaixo do céu pomposo do Rio de Janeiro, ardente de futuro e de glória, com a cabeça repleta de harmonias e o coração pesado de nobres emoções, acaba de relevar a pobreza da nossa literatura com um volume admirável de poesias. Profundo sentimento dos segredos do gosto, o qual é o bom senso do gênio, sentimento bem raro nas produções da mocidade levada sempre para o grandioso extravagante; riqueza, variedade e excelente concepção de imagens, que imprimem um efeito mágico à doce melancolia do poeta; perfume e unção religiosa espalhadas sobre as cenas da natureza; elevação dos pensamentos filosóficos inspirados pela escola idealista alemã e pelas doutrinas do Cristianismo; pureza e pompa¹⁹ de versificação; tais são em resumo os méritos dos *Suspiros Poéticos e Saudades* do Sr. Magalhães. O espaço falta-nos e só uma amostra incompleta podemos dar, extraindo alguns fragmentos, que, por separados do todo, perdem um tanto de sua beleza.

Quando se arrouba o pensamento humano.
E todo no infinito se concentra,
De milhões do prodígios povoado;
Quando sobre o fastígio d' alto monte,
Como um colibri sobre altivo aderno
Na vastidão sidérea a vista espraia;
E vê o sol, que no Oriente assoma,
Como num lago em própria luz nadando,

E a noite, que se abisma no ocidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pálidas estrelas semeado;
Quando dos gelos, que alcantis coroam,
Vê a enchente rolar em cataratas,
Por cem partes abrindo largo leito,
Fragas e pinheirais desmoronando;
Quando vê as cidades enterradas
A seus pés na planície, e negros pontos
Aqui, e ali, moverem-se sem ordem,
Como abelhas em torno da colmeia;

Então o homem se abate; um suor frio,
Como o suor que o moribundo coa,
Rega-lhe o corpo inteiro; então sua alma,
Como um sutil vapor, que o lírio exala,
Ferido pelo raio matutino,
Se levanta da terra; então seu corpo
Como um combro de pó desaparece;....
Ele está no infinito! —

Aqui, para louvar teu santo Nome,
É fraco o peito humano, é fraca a língua,
É fraca a voz, que titubeante hesita
Tão alto remontar, e no ar perder-se,
Antes que d'astro em astro repetida,
D'um céu a outro céu, d'um Anjo a outro,
Vá retinir, Senhor, em teus ouvidos,
Como discorde som da rota lira.

Oh arrojado pensamento humano,
Por mais que em teu socorro os astros chames,
Por mais que sua luz o sol te empreste,
Seu ouro a terra, o céu a imensidade,
Os rios a corrente, os campos flores,
Suas asas o raio, os sons a lira,
E a noite seu mistério, ao fim, se tudo
Invocado por ti, a ti se unisse,
Não puderas ainda em teus transportes
Os louvores tecer do Onipotente!

A incerteza da duração da existência, que, como um contrapeso, conserva-nos suspensos no meio das ilusões da vida, era assunto que naturalmente devia oferecer-se à meditação do poeta. No momento mesmo em que o mundo vacila em torno de nós, em

que os mais descorados objetos se tingem de brilhantes cores, em que uma superabundância²⁰ da vida parece transbordar do nosso seio, e vivificar²¹ tudo que nos cerca, a onda rápida da vida vai passando, e de quimera²² em quimera lança-nos fora do nada da existência, quando cuidávamos colher a flor prometida pela esperança. O “Canto do Cisne” diz essa fragilidade da vida com uma simplicidade profundamente tocante e com aquela harmoniosa tristeza de meditação, que corresponde ao que há de mais vago²³, de mais indefinido e ao mesmo tempo de mais íntimo em nossa alma.

O Cisne, que desliza à flor do lago,
Formando perlas co’o bater das asas,
Mudo a garganta alonga,
E só da morte a voz nela ressoa
Como uma flauta, que do tronco
pende, Por amoroso voto,
Pelo vento agitada,
Embalança, e suave melodia
Exala de seu tubo: Assim
a voz do cisne se desata,
Pela morte inspirado,
Assim s’ela harmoniza,
Para doce entoar o hino extremo.
Mas acaso sabe o Cisne,
Terno canto desferindo,
Que em cada acento que
solta A vida lhe vai fugindo?
Companheiro do Cisne, o tenro arbusto,
Que uma só vez floresce,
E quando assim se adorna, murcha, e
morre, Como no dia nupcial a esposa,
Sabe ele por ventura qu’essas flores
São as galas da morte?
A lâmpada, que expira, e um clarão
solta, Acaso sabe se lhe mingua o óleo?
O rio, que no prado se resvala,
Acaso dizer pode:
Amanhã terá fim minha corrente?
E o Zéfiro, que brinca saltitando
Sobre as frescas corolas, sabe acaso,
Se ainda existirá no sol seguinte?
Nós acaso conhecemos
Melhor que eles nossa sorte?
Podemos dizer: este hino
É nosso hino de morte?

Entre tantas outras magníficas harmonias de que os limites circunscritos desta notícia não nos permitem dar uma ideia, aparece o cântico de Waterloo²⁴, composição notável pela novidade das imagens, o vigor do colorido e a energia da expressão. Por meio dela o Sr. Magalhães deu-nos a mostra de que podia tirar das cordas da sua lira os sons os mais diversos e todos iguais na grandeza dos efeitos. Para entoar o cântico desse drama terrível, que se chama a batalha de Waterloo, de onde a mais gigantesca realidade que há passado sobre a terra foi exalar-se como um sonho na extremidade solitária dos três continentes, o engenhoso vate²⁵ sufoca por momento os acentos favoritos do seu coração. Aqui não soa mais essa voz docemente gemebunda²⁶ da Musa, que sofre com o espetáculo da vida; seu entusiasmo parece acender-se no fogo do raio, e o tumulto das armas lhe retine nos versos,

Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dois astros ao acaso caminhavam;
Tocado ao seu zênite haviam ambos,
Ambos iguais no brilho, ambos na queda
Tão grandes, como em horas de triunfo!

Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse Herói de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha,
Esse Herói, que com a ponta de seu gládio
No Mapa das Nações traçava as raias,
Entre seus Marechais ordens ditava.
O hálito inflamado de seu peito
Sufocava as falanges inimigas,
E a coragem nas suas acendia.
Sim, aqui estava o Gênio das vitórias,
Medindo o campo com seus olhos de águia
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões, que ribombavam,
O sibilo das balas, que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orquestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas;

Quão submissos²⁷ leões, e nem ousando
Tocá-lo ao seu ginete²⁸ os pés lambiam.

A inspiração do poeta compara o Herói de Austerlitz²⁹ ao Astro da Luz, que caminha ao ocaso. E na verdade há em Napoleão alguma coisa da imensidade das maiores obras da criação. Surgido de uma ilha, vai sepultar-se em uma outra ilha, no meio dos mares, onde Camões situou o Gênio das Tempestades, depois de ter em seu giro espantado os povos com tão grandes revoluções. Esse *hálito inflamado*, que sufoca as falanges³⁰ inimigas e acende a coragem das suas; esse efeito de *orquestra* produzido pelos horrores da guerra; essa abóbada³¹ de balas, que, penetradas de respeito, à maneira de *submissos leões* apenas ousam *lamber* os pés do ginete, — são ardilezas de uma sublime energia e que traçam ao vivo as proporções colossais do gênio do grande homem, diante de cujo sopro se aniquilam todas as humanas resistências e até a natureza física parece curvar-se de respeito.

As saudades da Pátria e as reminiscências³² das impressões da primeira juventude, que mais tarde, depois de uma amarga experiência do mundo e dos homens, aparecem como ruínas vistas ao clarão do archote³³, são para o gênio do Sr. Magalhães³⁴ uma fonte inesgotável de inspirações. No meio de todos os povos, ao longo dos caminhos desertos, no tope das montanhas cobertas de gelo, nos vales sombrios, a lembrança do Brasil faz vibrar todas as cordas do coração do Poeta. Os *Suspiros à Pátria*³⁵ arrancados do mais íntimo da alma correm parselhas com os belos versos, versos saudosos do infeliz Lord *Byron*³⁶ em *Newstead Abbey*³⁷ aos olmeiros de *Harrow*³⁸, cujas sombras lhe abrigaram o berço.

Este volume de poesias do Sr. Magalhães não é somente uma coleção de belas harmonias, mas também um código de moral na sua expressão a mais sublime, nas suas formas as mais ternas e consoladoras, e cuja luz ilumina sem irritar os olhos, como o doce

clarão que a lua espalha sobre um dédalo de flores. Ele é próprio a aplacar a necessidade de emoções grosseiras, que a nossa época agita. O sopro do infortúnio³⁹, da religião e da filosofia animou esses cantos, onde domina um doloroso entusiasmo por tudo quanto é grande, bom e justo. Parece que a Providência⁴⁰ faz sofrer todos os poetas de gênio, a fim de que instruem os outros homens com a sublime melodia dos seus gemidos: as criaturas medíocres sofrem menos, porque seus queixumes⁴¹ não têm harmonia e são um desacordo de mais entre os sons confusos do mundo moral.

Esta produção de um novo gênero é destinada a abrir uma era à poesia brasileira. Permita Deus que ela não fique solitária no meio da nossa literatura, como uma suntuosa palmeira no meio dos desertos. *Apesar de tudo* cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memória dos admiradores das musas o nome do autor dos *Suspiros Poéticos*. Dissemos *apesar de tudo*, porque nós outros brasileiros não podemos sofrer reputações; nosso orgulho é em extremo suscetível; ele desconfia dos menores sucessos; um nome pronunciado três vezes nos importuna e irrita. O *Brasil* não está hoje para as letras e as ciências. Entre nós quantos talentos passam incógnitos⁴² na vida, como esses rios sem nome de suas solidões! A nossa mocidade tão bela e esperançosa, por falta de direção, de carreira e de espírito público esgarra-se em falsos caminhos ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura. Os homens que dirigem os destinos do Brasil, sem compreender as condições de sua missão, parecem ter dado as mãos a todas as influências do mal para agravar o estado da triste época em que vivemos. Cada dia que corre, receamos seriamente ler nas gazetas, que, por mandado da sábia e liberal Administração o fogo fora lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da inteligência e da civilização. Ao menos haveria nisto o mérito de um sistema de trevas logicamente combinado e aquela beleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das

fúrias. Onde estão esses ilustres regeneradores, que um belo dia declararam à face do país que o homem nascera filósofo e que o estudo da ciência das ciências era pura quimera? Por detrás dos homens atuais não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas no Brasil não é uma exceção e porém sim o estado geral das ideias proveniente do ceticismo moral, da indiferença para o bem e o mal, da nulidade dos caracteres estranhos a todos os nobres sentimentos e votados a um duro egoísmo e ao fim da extinção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras. Há alguns anos, bem difíceis eram as circunstâncias do Brasil e da sua mocidade, mas do próprio excesso dos males a esperança renascia; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O estado atual pesa sem esperanças como uma massa de ferro sobre todos os bons espíritos, tanto eles são pouco uníssonos⁴³ com as coisas, que se vão arrastando a nossos olhos. Desgraçada Mocidade! Desgraçado Brasil.

Texto transcrito pela acadêmica Daiana Luzza e anotado pelos alunos Alexandre Fellini, Andressa Trento, Cibelle Marchese e Midi do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação da professora Maria Ieda Almeida Muniz e do professor Rodrigo Xavier. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar do segundo volume – como parte do item “Bibliografia”, entre as páginas 246 e 256 – da *Revista Nitheroy* oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

Título: Nitheroy : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 02, 1836

Título alternativo: [Niterói : revista brasiliense, ciências, letras e artes]

Local de Publicação: Paris : Dauvin et Fontaine, Libraires

Ano de Publicação: 1836

Descrição Física: p. 1 - 268

Idioma: Português

Patrocínio: Ministério da Cultura - Programa Cultura e Pensamento **Direitos:** Domínio público

Assunto:

Economia

Religião

Viagens Ensaio

literário

URI: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512820>

Tipo: Periódico

Conteúdo: SUMÁRIO

- Rapport lu a la 2^a classe de L´institut Historique, por Eugène de Monglave (p. 5 - 8)

- Filosofia da religião, por D. J. Gonçalves de Magalhães (p. 9 - 38)
- Física industrial: das caldeiras empregadas na fabricação de açúcar, por C. M. D’Azeredo Coutinho (p. 39 - 87)
- Química: da destilação, por A. de S. Lima de Itaparica (p. 88 - 130)
- Educação industrial, por Silvestre Pinheiro-Ferreira (p. 131 - 137)
- Novo sistema de se fabricar açúcar, por C. A. Taunay (p. 138 - 148)
- Comércio do Brasil, por F. S. Torres Homem (p. 149 - 160)
- Contornos de Nápoles, por M. de Araújo Porto-Alegre (p. 161 - 213)
- Estudos sobre a literatura, por J. M. Pereira da Silva (p. 214 - 243)
- Bibliografia (p. 244 - 268)

¹ Cada uma das nove deusas, que presidiam às artes liberais. Divindade, que se supunha inspirar a poesia, tudo que pode inspirar um poeta, a poesia, inspiração poética.

² De característica moral ou intelectual admirável, Que demonstra inatingível beleza e perfeição estética, Aquilo que se apresenta de modo grandioso, através das atitudes ou sentimentos.

³ É o conjunto de obras que constitui o acervo de cada poeta, antologia, inspiração poética.

⁴ Tristeza vaga e indefinida, Estado de tristeza intensa, traduzida pelo sentimento de dor moral e caracterizada pela inibição das funções motoras e psicomotoras.

⁵ Quer dizer os que ficaram, sobraram, restaram.

⁶ Esfera de atividade, domínio no qual se exerce a ação de alguém ou de alguma coisa.

⁷ Comover, sensibilizar.

⁸ Crença de que Deus e todo o universo são uma única e mesma coisa e que Deus não existe como um espírito separado. Deus é todo o universo, a mente humana, as estações e todas as coisas e ideias que existem.

⁹ Invocar, trazer à lembrança, chamar, recordar, chamar de algum lugar.

¹⁰ Religião que admite a adoração de vários deuses.

¹¹ Aurora, antemanhã, alvorada, arrebol.

¹² História fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade, ciência dos mitos.

¹³ Foi um poeta oral grego da Antiguidade, geralmente tido como tendo estado em atividade entre 750 e 650 a.C.

¹⁴ Homero (928 a.C.- 898 a.C.) foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

¹⁵ Próspero, venturoso.

¹⁶ Característica daquilo que não deixa dúvidas, que deixa tudo claro.

¹⁷ Diz-se de uma pessoa ou coisa muito velha e muito usada.

¹⁸ Morada simbólica dos poetas.

¹⁹ Grande luxo, ostentação, suntuosidade.

²⁰ Excessiva abundância, fartura.

²¹ Dar vida a, fazer existir, animar.

²² Devaneio, ilusão, utopia, algo fantasioso.

²³ Vazio, disponível, desocupado, desabitado.

²⁴ A Batalha de Waterloo foi um confronto militar ocorrida a 18 de Junho de 1815 perto de Waterloo, na atual Bélgica.

²⁵ Indivíduo que faz vaticínios, profeta, adivinho.

²⁶ Que geme profundamente, lamuriendo, muito gemente.

²⁷ Adjetivo masculino que manifesta submissão, humilhação, inferioridade a outrem.

²⁸ Cavaleiro armado de lança e adaga.

²⁹ Referência à Napoleão Bonaparte, após sua vitória na Batalha de Austerlitz, também conhecida como Batalha dos Três Imperadores.

³⁰ Corpo de infantaria.

³¹ Possui o significado de teto, podendo ser tanto um teto de concreto e pedras, como o de uma catedral por exemplo, mas também pode significar o teto celeste, o céu.

³² Recordações, lembranças.

³³ Haste com ponta almofadada, embebida em óleo e ascendida com fogo, usada para iluminar caminhos escuros.

³⁴ Referência à Gonçalves de Magalhães(1811-1882), poeta que introduziu o romantismo no Brasil, tem como principais obras *Suspiros poéticos e saudades*, *O poeta e a inquisição* e *A Confederação dos Tamoios*.

³⁵ Referência ao poema *Suspiros Poéticos e Saudades*, obra que relata o sentimento de nacionalidade e amor à pátria, também como o sentimento de antilusitanismo do autor.

³⁶ Poeta britânico do romantismo, famoso por suas obras *Peregrinação de Child Harold* e *Don Juan*.

³⁷ Originalmente construído em 1170 como um convento agostiniano, tornou-se o lar ancestral do poeta Lord Byron.

³⁸ Bairro londrino, situado a 12,2 milhas a noroeste de Charing Cross. Na colina de Harrow encontra-se a igreja de Santa Maria.

³⁹ Infelicidade, desgraça, falta de sorte, algo desagradável.

⁴⁰ Refere-se à Divina Providência, termo teológico que se refere ao poder supremo, a influência divina sobre o que acontecerá no futuro, e que nada acontece sem ser da vontade de Deus.

⁴¹ Queixa, lamúria, reclamação, lástima.

⁴² Desconhecidos, sem serem reconhecidos.

⁴³ Som reproduzido ao mesmo tom, por várias pessoas.

REFERÊNCIAS:

ACTON INSTITUTE, Para o estudo da religião e liberdade. Disponível em: <<http://pt.acton.org/historical/james-fenimore-cooper-1789-1851>> Acesso em: 24 nov 2013

ALVES, Susana M. **José e Asent**: Uma Criação Peculiar da Literatura Antiga. Universidade de Lisboa, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/522/1/18017_ULFL059254_TM.pdf> Acessado em: 23 de nov. 2013

BRASIL ESCOLA, **Biografias**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biografia/>> Acesso em: 23 nov 2013

DICIONÁRIO CRIATIVO, **Anacoretas** Disponível em: <<http://dicionariocriativo.com.br/busca/anacoreta>> Acesso em: 23 nov 2013

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO LAROUSSE.-São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Dicio. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 22 out 2013

E- BIOGRAFIAS, Goethe. Disponível em: <<http://www.e-biografias.net/goethe/>> Acesso em: 23 de nov. 2013

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). Dicionário Houaiss da língua portuguesa, elaborado pelo Instituto de Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INFOPÉDIA, Biografias. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$alessandro-manzoni](http://www.infopedia.pt/$alessandro-manzoni)> Acesso em: 23 nov 2013

INFOESCOLA, **Biografias**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/>>

Acesso em: 23 nov 2013_

ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em 25 nov. 2013.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993.

SUA PESQUISA, **Cidades**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/paises/espanha/granada.htm>> Acesso em: 23 nov 2013

SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES. Massaud Moisés. *História da literatura brasileira: Das origens ao romantismo*. 6 ed. [S.l.]: Editora Cultrix, 2001. 600 páginas p. p. 328.

TEMPLO DE APOLO, Mitologia Disponível em:
<http://www.mitologia.templodeapolo.net/seres_ver.asp?cod_ser=48&value=Musas&mit=Mitologia%20Grega&esp=Divindade> Acesso em: 23 nov 2013

UOL Educação Biografias. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/>> Acesso em: 23 nov 2013

UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/>> Acesso em: 22 nov 2013